

Notas sobre o significado de liberdade na série *Moomins*, de Tove Jansson

PEDRO GABRIEL OSCHIRO DE JESUS¹;
ALFEU SPAREMBERGER²

¹Universidade Federal de Pelotas – pedrojesusbq@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alfeu.sparemberger@ufpel.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa a liberdade representada pelo personagem Snufkin, da série de livros infantis **Moomins** (1945-1948), de Tove Jansson. A interpretação e aplicação aqui apresentadas têm como referencial as teorias sociais e filosóficas do existencialismo de Jean-Paul Sartre (2014) e a teoria da psicopolítica de Byung-Chul Han (2018). A partir destas construções, procura-se extrair um ideal de liberdade e discutir sua possibilidade na atualidade neoliberal. Durante a narrativa de Jansson, Snufkin destaca algumas contradições sobre a liberdade. Tais contradições são ressaltadas pelo existencialismo e pela análise de Han sobre a pós-modernidade neoliberal, mostrando que a liberdade é inalcançável no contexto da realidade atual.

2 METODOLOGIA

Este texto foi escrito com base na interpretação literária de duas obras de Tove Jansson, dando destaque para a personagem Snufkin, que servirá como uma expressão do conceito de liberdade para a autora. Além disso, procuramos fundamentar a liberdade e seus limites conceituais em obras filosóficas e sociológicas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vivemos em uma sociedade pós-moderna em que o conceito de liberdade foi modificado a favor de uma ideologia neoliberal. Byung-Chul Han constata que a liberdade, atualmente, é uma ilusão que beneficia apenas o capital, levando-nos a acreditar que temos e buscamos cada vez mais liberdade quando, na verdade, estamos condicionados a fazer uma livre-seleção entre ofertas disponíveis. Sartre (2014), por outro lado, afirma que estamos condenados a sermos livres. Segundo o autor, somos condenados a tomar decisões, escolher nosso propósito, e, consequentemente, ter responsabilidade sobre nossas escolhas. Os dois autores convergem, porém, quando constatarem o condicionamento da liberdade pelo espaço-tempo e horizonte social do sujeito.

O homem é homem por ser livre; a liberdade nele é inerente, porém a liberdade de fazer escolhas traz consigo a responsabilidade sobre si e sobre o meio, pois o homem está condenado a ser livre e carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser.

Em **Moomins** analisamos dois textos que apresentam Snufkin como um personagem essencialmente livre, e, a partir dele, traçamos paralelos com a nossa realidade para responder se é possível para nós sermos livres. Em **Um cometa na Terra dos Moomins** (Jansson, 2015), o mundo enfrenta um desastre

natural que promete uma destruição completa. É nesse romance que Tove demonstra as dificuldades materiais que condicionam a nossa liberdade. Ela mostra que, no mundo em que vivemos, escolher viajar, escolher quais roupas usar, escolher onde morar, é uma escolha condicionada pelo preço e pela posição socioeconômica do sujeito.

Snufkin demonstra que ser livre é ser o princípio da escolha. Se Snufkin é livre para viajar é porque não há barreiras que o impeçam de escolher viajar; se Snufkin é livre para recusar a riqueza é porque não há necessidade de trocar a riqueza pelo saciamento dos desejos naturais, como a fome ou o sono. A liberdade em Snufkin não está somente em Snufkin, mas no meio em que ele se permite ser livre.

A prática da liberdade entra em conflito materialmente com o modo de produção capitalista que, ao transformar tudo em mercadoria, tira-nos o direito de depender somente da escolha, posto que estamos subordinados a trocar nosso tempo para satisfazer a fome. A liberdade não é somente uma conceituação teórica; a liberdade é evidente e empírica. Snufkin demonstra que é livre aquele que tem total autonomia sobre o próprio tempo; aquele que não depende de se sujeitar a algo ou alguém para ter os desejos naturais atendidos e que, portanto, é totalmente livre para escolher o que fazer.

Em **The Spring Tune** (2018), Jansson evidencia as contradições ideais e identitárias que condicionam a nossa liberdade. O conto passa-se em uma floresta isolada, distante do Vale dos Moomins, onde Snufkin caminha no fim do inverno e é livre para se preocupar apenas com sua nova canção. Observamos um conflito interno de Snufkin ao tentar desprender-se da atenção e carinho de seus amigos e ser livre, quando uma criatura sem nome se acerca dele instigando-o a voltar a aproximar-se do seu amigo Moomintroll.

Snufkin responde que voltaria quando quisesse; que talvez nem voltasse e quiçá fosse para outro lugar. A criatura contesta que, então, Moomintroll ficaria triste. Esse trecho expõe a luta de Snufkin sobre a liberdade e a solidão. Snufkin atesta que para ser livre se deve estar sozinho, e que se relacionar com outra pessoa acaba reduzindo a sua liberdade, pois agora tem um dever social que deve cumprir.

Além disso, em um trecho, a criatura sem nome pede para que Snufkin conte histórias de quando andava sozinho. Ele recusa-se a fazer isso, afirmando que, ao contar sobre as viagens, estaria colocando sua própria subjetividade e identidade na história e não lembraria mais de como elas eram, mas de como ele mesmo as interpretou. Sua fala relaciona-se à ideia de que subjetivamente estamos sempre reinterpretando nossa realidade. A partir da nossa individualidade, racionalizamos e compreendemos o mundo a nossa volta.

Em outras palavras, somos condicionados a interpretar o mundo por meio da nossa identidade. A construção identitária do sujeito neoliberal, porém, é restrita à seleção disponibilizada pela classe dominante, que tem como objetivo se manter dominante. Quando construímos nossa identidade a construímos com base no que observamos, ou seja, se vemos e normalizamos a exploração do homem pelo homem, a acumulação de capital e naturalizamos que a liberdade implica necessariamente ter dinheiro para a exercer, é porque é útil para o sistema dominante que pensemos que essas relações são naturais.

Estamos condicionados a ver a realidade pela ótica que é imposta sobre nós quando formamos nossa subjetividade.

4 CONCLUSÕES

Ao analisarmos Snufkin, concluímos que a diferença entre a liberdade snufkiniana e a liberdade prática são o meio e as condições materiais que influenciam nossas escolhas. Diferente de Snufkin, o sujeito pós-moderno não é livre para escolher e arcar com as responsabilidades originadas de sua própria decisão. As escolhas do sujeito pós-moderno devem ser submetidas à dinâmica do capitalismo e às suas contradições.

A liberdade de agir requer a autonomia de escolher. O sujeito que quer ser verdadeiramente livre deve escolher entre a boa-fé, a liberdade representada por Snufkin na rebeldia contra o sistema que explora, sujeita e domestica o indivíduo, ou permanecer na má-fé, representada por Muskarato em seu niilismo e conformismo.

Snufkin é livre, pois tem liberdade para sê-lo. Já a liberdade do sujeito pós-moderno é submissa aos interesses da classe dominante.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica** – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Ayiné, 2018.

JANSSON, Tove. **Um cometa na terra dos Moomins**. Tradução Ana Carolina Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

JANSSON, Tove. **Tales from Moominvalley**. Tradução Thomas Warburton. Londres: Sort of Books, 2018.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.